

PRIMO E 'EU': UMA MONTAGEM DE RISCO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i32p17-35>

Maurício Santana Dias¹

RESUMO

Questão central em toda a obra de Primo Levi, o trabalho humano é o que simultaneamente nos constitui como seres sociais e o que, no antropoceno, pode nos destruir ou reinventar. Definindo-se como um escritor que trabalha com “a montagem das palavras assim como o químico trabalha na montagem de moléculas”, é por meio dessa experiência que ele busca tanto lançar luz sobre a “zona cinzenta” do Lager e seus desdobramentos quanto atravessá-los por meio de uma imaginação vertiginosa, que é a contraface do “estudo sereno” com que examinou a experiência pessoal e coletiva de Auschwitz – em suas palavras, um “gigantesco experimento biológico e social”. Emulando o método de Levi e deixando o autor/tradutor falar, este ensaio procede a uma montagem, por analogia e metonímia, de uma variedade de textos seus que tangenciam muitas de suas obsessões, todos eles traduzidos e refletidos por mim nesses últimos vinte anos.

ABSTRACT

A central issue in all of Primo Levi's work, human labor is what simultaneously constitutes us as social beings and what, in the anthropocene, can destroy or reinvent us. Defining himself as a writer who works with “the assembly of words just as the chemist works in assembling molecules”, it is through this experience that he seeks to shed light on Lager's “grey zone” and its developments, as well as to cross them through a dizzying imagination, which is the counterpoint to the “serene study” with which he examined Auschwitz's personal and collective experience – in his words, an “enormous biological and social experiment”. Emulating Levi's method and allowing the author/translator to speak, this essay proceeds to assemble, by analogy and metonymy, a variety of his texts that touch on many of his obsessions, all of them translated and reflected by me in the last twenty years.

PALAVRAS-CHAVE:

Primo Levi (1919-1987);
Literatura italiana;
tradução literária.

KEYWORDS

Primo Levi (1919-1987);
Italian literature;
literary translation.

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação.

Walter Benjamin, *Escavando e recordando*

Tudo o que não é autobiográfico é plágio.

Pedro Almodóvar

Há alguns meses, o colega Rogério Ferreira de Souza me convidou a escrever um artigo para o “Dossiê Primo Levi” que ele estava organizando para a revista “Literatura e Sociedade”. De lá para cá, experimentei seguir alguns itinerários que foram sucessivamente se revelando impossíveis, impraticáveis, inviáveis.

O primeiro deles se relacionava a meu trabalho mais recente com a obra de Levi, ou seja, um ensaio que abordasse algumas linhas de força dos poemas que reuni na antologia *Mil sóis* (Todavia, 2019), e que ficaram apenas esboçadas na breve apresentação que escrevi para a coletânea. Interessava-me especialmente explorar a quase indistinção entre antropologia e etologia, humano e não-humano que neles se delineava com uma clareza inquietante, a qual se relacionava de modo direto, ou era mais precisamente a própria ideia motriz, do conceito de “zona cinzenta”, cunhado e explorado por Levi em *Afogados e sobreviventes*, um dos livros mais emblemáticos do século XX e também deste.

Depois de ler uma série de estudos que trataram da “zona cinzenta”, em particular o livro excepcional de Simona Forti, *I nuovi demoni: ripensare oggi male e potere* (Feltrinelli, 2012), de quem tomo emprestada a epígrafe de Almodóvar, achei oportuno deixar qualquer abordagem sobre esse tópico para um tempo pósterio.

Bloqueado esse caminho, pensei em elaborar, partindo de alguns poemas, do romance *A chave estrela* e de certos contos, a noção central de “trabalho” que atravessa toda a obra de Levi, com ênfase em suas mutações nas sociedades contemporâneas. Nesse caso, o quadro de referências se situaria entre *A condição humana*, de Hannah Arendt, e vários dos estudos de Zygmunt Bauman sobre a modernidade líquida. Ponto de partida seria

o elogio que Levi faz do trabalho como um dos meios mais eficazes de se alcançar a felicidade, desde que, por óbvio, essa atividade fosse desempenhada em circunstâncias muito especiais, as mesmas que vêm paulatinamente se restringindo ou desaparecendo no século XXI, ao mesmo tempo em que ressurgem cada vez mais novas formas de servidão que remetem àquele *Arbeit macht frei* à entrada de Auschwitz.

Nessa segunda picada a ser aberta na selva leviana, uma foto sua – que reproduzo abaixo – me chamava especialmente a atenção e fornecia como uma pista. Nela, o rosto de Levi aparece por trás de uma máscara zoomórfica (uma borboleta de asas abertas, a cara de um felino?), objetos que ele costumava montar nas horas vagas, como um hobby, principalmente depois que deixou o trabalho na indústria química: leves estruturas de arame, feitas evidentemente com grande meticulosidade, origamis metálicos como os deixados por um personagem de *Blade Runner*, as quais de algum modo recuperavam e davam outro sentido a um material, o arame farpado, que foi parte constitutiva da paisagem do *Lager* e sua. Não se entende bem se, por trás da estrutura fina, o rosto do artesão está sério ou sorridente. Fato é que, em muitos documentários e entrevistas (lembro a propósito a que ele concedeu a Philip Roth), o trabalho intelectual, manual, técnico, é um dos elementos fundantes de sua obra e de seu etos.

Tanto a primeira via (a “zona cinzenta”) quanto a segunda (o “etos do trabalho”) demandariam muito mais reflexão, competências e tempo do que os que disponho no momento, e que afinal não caberiam em um artigo.

Foi então que, depois de enterrar essas duas tentativas exploratórias, e tendo já extrapolado todos os prazos que a revista generosamente me concedeu, me dediquei no último mês a reler – coisa que nunca fizera antes – tudo o que eu havia traduzido de Levi: *Histórias naturais*, *Vício de forma*, *Lilith* (que estão reunidos no volume *71 contos de Primo Levi*, Companhia das Letras, 2005), *A chave estrela* (Companhia das letras, 2009), os poemas de *Mil sóis*. Simultaneamente, assisti a todos os depoimentos de Levi que estão disponíveis na internet, desde suas primeiras entrevistas em preto e branco, de início dos anos 1960, até os depoimentos finais, que ele deu pouco antes do suicídio.

Sei que o que vou propor aqui foge muito ao que se espera de um artigo acadêmico e tenho sérias dúvidas de que seja aceito, mas o que se lerá a seguir é uma montagem feita exclusivamente de pequenas peças de tradução que fui acumulando nesses quase vinte anos de convívio com PL.

Ao final dessa operação, como resíduo, encontram-se breves fragmentos de outras vozes que se dedicaram a pensar a obra de Primo Levi e que, em meus projetos iniciais, pensei em incorporar, sempre com aspas e notas de rodapé, ao texto que *não* escrevi.



Ah, sim, como eu estava dizendo, naquela vez meu chefe me enviou para um serviço na Itália, aliás, na baixa Itália, porque sabia que havia algumas dificuldades. Se quiser ouvir a história de uma montagem cretina, e eu sei de gente que adora ouvir as desgraças alheias, então ouça esta: porque uma montagem como essa nunca mais me aconteceu, e eu não desejo isso a nenhum profissional. Antes de tudo, por causa do contratador. Um cara bacana também, não duvide, que me oferecia refeições dos deuses e me pôs à disposição até uma cama com baldaquim em cima, porque insistiu a todo custo que eu dormisse na casa dele; mas, quanto ao trabalho, não entendia bulhufas, e o senhor sabe que não há nada pior do que isso. Ele vivia do negócio de embutidos e tinha feito dinheiro, ou talvez tivesse enriquecido com o Banco do Sul, sei lá; o fato é que metera na cabeça fabricar móveis de metal. Somente os tolos acreditam que a melhor coisa é um cliente ingênuo, porque assim se pode fazer qualquer coisa: é justamente o contrário, um cliente ingênuo só lhe traz problemas. Não tem traquejo, não tem tino, na primeira dificuldade perde a cabeça e quer desfazer o contrato; e, quando tudo vai bem, vive puxando

conversa e desperdiçando seu tempo. Bem, pelo menos aquele lá era assim, e eu me via entre a cruz e a espada, porque do outro lado do telex estava meu chefe imediato, que me tirava o fôlego. Me passava um telex a cada duas horas, para acompanhar o andamento do trabalho. O senhor deve saber que os chefes, quando passam de certa idade, cada um tem a sua mania, pelo menos uma: o meu tinha várias. A primeira e mais pesada, como já lhe disse, era a de querer fazer tudo sozinho, como se alguém pudesse fazer uma montagem sentado atrás de uma escrivaninha ou grudado no telefone ou no telex – imagine só! Uma montagem é um trabalho que cada um deve estudar por conta própria, com a própria cabeça, e sobretudo com duas mãos: porque faz muita diferença ver as coisas de uma poltrona ou do alto de uma torre de quarenta metros. Mas ele ainda tinha outras manias. Os rolamentos, por exemplo: ele só queria os suecos e, se soubesse que alguém por acaso tivesse usado outros numa montagem, dava pulos e ficava furioso, embora normalmente fosse tranquilo. E isso é uma bobagem, porque em trabalhos como esse que lhe estou contando – que a propósito era uma esteira transportadora, comprida, mas lenta e bem leve –, qualquer rolamento funciona, pode crer; aliás, serviriam até uns anéis de bronze que meu padrinho fazia um por um, no muque, para a Diatto e a Prinetti, na fábrica da via Gasômetro.

Quanto a mim, gostei do aparelho. Não estava interessado em saber se dizia a verdade ou se mentia, mas o fato é que ele extraía do nada, inventava: descobria, como um poeta. Pus a mão na placa e esperei sem temor. Sobre a travessa surgiu um grão luminoso, que cresceu até formar um cilindro semelhante a um dedal; continuou a crescer e em pouco tempo atingiu as dimensões de um pote, e então ficou claro que era mesmo um pote, mais precisamente um pote de verniz, litografado externamente com listras de cores intensas; porém não parecia conter verniz, porque tilintava ao ser sacudido. Pediram-me que o abrisse, e dentro havia várias coisas que alinhei diante de mim, sobre a mesa. Uma agulha, uma concha, um anel de malaquita, vários bilhetes usados de bonde, barco e avião, um compasso, um grilo morto, um vivo e um pedacinho de brasa, que se extinguiu quase imediatamente.

O meu vizinho de casa é robusto. Um castanheiro da avenida Re Umberto; tem minha idade, mas não parece. Abriga pardais e melros e não tem vergonha, em abril, de expelir brotos e folhas, flores frágeis em maio, em setembro cachos de inócuos espinhos com lustrosas castanhas tânicas dentro. É um impostor, mas ingênuo: quer fazer-se passar por êmulo de seu bravo irmão da montanha, senhor de frutos doces e fungos preciosos. Não vive bem. Pisam-lhe as raízes as linhas oito e dezenove do bonde a cada cinco minutos: ele fica aturdido e cresce torto, como se quisesse ir embora.

Ano a ano, sorve lentos venenos do subsolo saturado de metano; e, embebido da urina dos cães, as rugas de sua cortiça se entopem com o pó

séptico das alamedas; sob sua casca pendem crisálidas mortas, que nunca serão borboletas. Todavia, em seu tardo coração de madeira, sente e goza o tornar das estações.

O vilarejo de Arunde abrigava os últimos remanescentes da tribo dos arundes; tomaram conhecimento disso por acaso, num artigo publicado em uma revista de antropologia. Os arundes, outrora espalhados por um território tão amplo quanto a Bélgica, se restringiram a limites cada vez mais estreitos, porque seu número estava em contínuo declínio. Não era um efeito de doenças nem de guerras com tribos fronteiriças, nem sequer de alimentação insuficiente, mas simplesmente pela enorme taxa de suicídios – e esse foi o motivo que levou Walter a pedir um financiamento para a expedição.

Foram recebidos pelo decano da vila, que tinha apenas trinta e nove anos e falava corretamente o espanhol. Walter, que odiava os preâmbulos, entrou logo no assunto; ele esperava de seu interlocutor uma atitude reservada, cheia de pudor, talvez desconfiança ou frieza diante da curiosidade impiedosa de um estrangeiro, e no entanto se viu diante de um homem sereno, consciente e maduro, como se ele estivesse há anos preparado para aquele diálogo, talvez por sua vida inteira.

O decano confirmou que os arundes sempre foram alheios a convicções metafísicas; eram os únicos entre todos os vizinhos que não tinham igrejas nem sacerdotes nem feiticeiros, que não esperavam socorro do céu ou da terra ou das regiões íferas. Não acreditavam nem em prêmios nem em punições. A terra deles não era pobre, dispunham de leis justas, de uma administração humana e eficaz; não conheciam a fome nem a discórdia, possuíam uma cultura popular rica e original, e frequentemente se divertiam em festas e banquetes. Indagado por Walter sobre o constante declínio numérico da população, o decano respondeu que estava consciente da fundamental diferença que havia entre suas crenças e a de outros povos, próximos ou distantes, dos quais ele tomara conhecimento.

Os arundes, disse, atribuíam pouco valor à sobrevivência individual e nenhuma à nacional. Desde a infância, cada um deles era educado a estimar a vida exclusivamente em termos de prazer e dor, avaliando-se naturalmente, no cômputo final, os prazeres e as dores provocados no próximo pelo comportamento de cada um. Quando, segundo o julgamento de cada indivíduo, a balança tendia a estabilizar-se negativamente, ou seja, quando o cidadão considerava que sofria e produzia mais dor que alegria, era convidado a uma discussão aberta perante o conselho dos anciãos, e se o seu julgamento fosse confirmado, a conclusão era encorajada e agilizada. Após a despedida, ele era conduzido à zona dos campos de ktan: o ktan é um cereal muito difundido no país, e sua semente, peneirada e esmagada,

é utilizada na fabricação de uma espécie de fogaça. Se não for peneirada, é acompanhada pela semente minúscula de uma graminácea parasita, que tem uma ação tóxica e estupefaciente.

O homem é confiado aos lavradores de ktan, nutre-se de fogaças preparadas com a semente não peneirada e em poucos dias ou em poucas semanas, a depender de sua vontade, atinge uma condição de agradável torpor, a que sobrevém o repouso definitivo. Poucos mudam de ideia e retornam à cidade fortificada, onde são acolhidos com afetuosa alegria. Existe um contrabando de sementes não peneiradas através dos muros, mas o volume não é preocupante, e a prática é tolerada.

Há um vale que somente eu conheço. Não se chega a ele facilmente, há precipícios logo na entrada, sarças, vaus secretos e águas rápidas, e suas trilhas se reduziram a rastros. A maior parte dos mapas o ignora: a via de acesso a encontrei sozinho. Precisei de anos, com frequência errando, como ocorre, mas não foi tempo perdido. Não sei quem esteve lá antes, um, alguém ou ninguém: a questão não tem importância. Há sinais em placas de rocha, alguns bonitos, todos misteriosos, uns decerto não de mão humana. Rumo ao fundo há faias e bétulas, no alto, abetos e lariços cada vez mais raros, castigados pelo vento que lhes rapina o pólen na primavera, quando as primeiras marmotas despertam. Mais acima ainda há sete lagos de água incontaminada, límpidos, escuros, gélidos, profundos. Nessa altitude nossa vegetação cessa, mas quase na crista há uma única árvore vigorosa, viçosa e sempre verde, à qual ninguém ainda deu nome: talvez seja a de que fala o Gênesis. Dá flores e frutos em todas as estações, mesmo quando a neve pesa em seus ramos. Não tem iguais: fecunda a si mesma. Seu tronco carrega velhas feridas das quais destila uma resina amarga e doce, fonte de esquecimento.

Meu nome é Gertrud Enk – disse a jovem. Tenho dezenove anos e tinha dezesseis quando o doutor Leeb instalou seu laboratório na Glockenstrasse. Morávamos em frente, e da janela podíamos ver várias coisas. Em setembro de 1943, chegou uma camionete militar: desceram quatro homens fardados e quatro em roupas civis. Eram muito magros e não levantavam a cabeça: eram dois homens e duas mulheres. Depois chegaram várias caixas, com a inscrição “Material de guerra”. Éramos muito prudentes e só olhávamos quando estávamos seguros de que ninguém perceberia, porque tínhamos entendido que ali havia algo de pouco claro. Por muitos meses não aconteceu mais nada. O professor vinha sozinho, uma ou duas vezes por mês; só ou com os militares e membros do partido. Eu tinha muita curiosidade, mas meu pai sempre dizia: “Deixe pra lá, não se preocupe com o que se passa lá dentro. Nós, alemães, quanto menos coisas soubermos, melhor”. Depois vieram os bombardeios; a casa do número 26 ficou de pé, mas por duas vezes o deslocamento de ar rompeu suas janelas.

Na primeira vez, era possível ver no quarto do primeiro andar as quatro pessoas deitadas no chão, em colchões de palha. Estavam cobertas como se fosse inverno, quando naqueles dias fazia um calor excepcional. Parecia que estavam mortas ou que dormiam: mas não deviam estar mortas, porque o enfermeiro que as acompanhava lia tranquilamente o jornal enquanto fumava cachimbo; e, se estivessem dormindo, não teriam acordado com as sirenas que anunciavam o fim do ataque?

– Na segunda vez, ao contrário, não havia nem colchões nem pessoas. Havia quatro tábuas postas de través a meia altura, e quatro bichos pousadas sobre elas.

– Quatro bichos como? – indagou o coronel.

– Quatro pássaros: pareciam urubus, embora eu só tenha visto urubus no cinema. Estavam assustados e davam gritos aterradores. Parecia que tentavam pular das tábuas, mas deviam estar acorrentados, porque nunca tiravam os pés dos apoios. Também pareciam tentar voar, mas com aquelas asas...

– Como eram as asas?

– Asas por modo de dizer, com poucas penas, e ralas. Pareciam... pareciam asas de um frango assado. Não se viam bem as cabeças, porque nossas janelas eram muito altas; mas não eram nada bonitas e causavam grande impressão. Assemelhavam-se às cabeças das múmias que se veem nos museus. Mas depois logo chegou o enfermeiro, que estendeu cobertores de modo que não se pudesse ver dentro. No dia seguinte as janelas já estavam reparadas.

– E depois?

– Depois mais nada. Os bombardeios eram cada vez mais pesados, dois, três por dia; nossa casa ruiu, todos morreram, salvo meu pai e eu. No entanto, como já disse, a casa do número 26 continuou de pé; só a viúva Spengler morreu, mas na rua, surpreendida por uma descarga rasante.

– Os russos chegaram, a guerra acabou, e todos tinham fome. Nós havíamos erguido uma barraca ali defronte, e eu sobrevivia do jeito que dava. Numa noite, vimos muita gente falando na rua, em frente ao número 26. Depois alguém abriu a porta e todos entraram, esbarrando uns nos outros. Então eu disse a meu pai: “Vou ver o que está acontecendo”; ele sempre me repetia a mesma coisa, mas eu tinha fome e fui. Quando cheguei lá em cima, já estava quase acabado.

– Acabado o quê?

– Fizeram a festa com eles, usando bastões e facas: já os haviam feito em pedaços. Quem estava à frente de todos era o enfermeiro, acho que o reconheci; além disso, era ele que tinha a chave. Alias, lembro que no final ele se deu ao trabalho de fechar todas as portas, sabe-se lá por quê: não havia mais nada lá dentro.

As pessoas aqui morrem por causa de um arranhão: de septicemia ou de tétano. Vamos fermentar a cevada deles, destilar a infusão e fazer

álcool; talvez eles até gostem de bebê-lo, ainda que não seja muito moral. Acho que eles desconhecem os excitantes e as drogas: seria uma bela bruxaria.

Goldbaum estava cansado: Não temos fermento, e eu não me sinto capaz de produzir um, nem você. Além disso, queria vê-lo às voltas com os oleiros locais, pedindo que lhe façam uma retorta. Talvez não seja impossível, mas é uma empreitada que nos custaria meses, e estamos falando de dias.

Não estava claro se os siriono queriam matá-los de fome ou se pretendiam apenas mantê-los com o mínimo gasto possível, até que chegasse a lancha subindo o rio ou que amadurecessem uma ideia decisiva e convincente. Seus dias se passavam num entorpecimento crescente, numa sonolência feita de umidade, pernilongos, fome e humilhação. Entretanto ambos haviam estudado por quase vinte anos, sabiam muitas coisas sobre todas as civilizações humanas antigas e recentes, interessaram-se por todas as tecnologias primitivas, pela metalurgia dos caldeus, pelas cerâmicas micênicas, pela tecelagem pré-colombiana, e agora, talvez (*talvez!*), fossem capazes de lascar uma pedra porque Ahtiti lhes ensinara, mas não puderam ensinar a Ahtiti absolutamente nada: só lhe contaram por gestos as maravilhas nas quais ele não acreditara, ou lhe mostraram os milagres que os dois haviam trazido consigo, fabricados por outras mãos sob um outro céu.

Após quase um mês de prisão, estavam curtos de ideias e se sentiam reduzidos à impotência definitiva. O enorme e colossal edifício da tecnologia moderna estava fora de alcance, e os dois foram forçados a reconhecer que nenhum dos achados de que a sua civilização se orgulhava podia ser transmitido aos siriono. Faltava a matéria-prima ou, se ela existisse nas vizinhanças, eles tão teriam condições de reconhecê-la ou de isolá-la; nenhuma das artes que eles conheciam teria sido considerada útil aos siriono. Se um deles soubesse desenhar, poderia fazer o retrato de Ahtiti e pelo menos deixá-los maravilhados. Se dispusessem de um ano, talvez pudessem convencer seus hóspedes da utilidade do alfabeto, adaptá-lo à língua deles e ensinar a Ahtiti a arte da escrita. Discutiram por algumas horas o projeto de fabricar sabão para os siriono: extrairiam o potássio das cinzas da madeira e o óleo das sementes de uma palmeira local - mas de que serviria o sabão aos siriono? Roupas eles não tinham, e não seria fácil convencê-los da utilidade de lavar-se com sabão.

Finalmente se conformaram com um projeto modesto: os ensinariam a fabricar velas. Modesto, mas irrepreensível; os siriono tinham sebo, sebo de porco, que usavam para untar os cabelos; quanto ao pavio, podia ser feito com o próprio pelo do porco. Os siriono apreciaram a vantagem de iluminar o interior de suas cabanas à noite. Certamente teriam preferido aprender a fabricar um fuzil ou um motor de popa: as velas não eram muita coisa, mas valia a pena tentar.

Fazia todas as minhas experiências e, quando me sentia cansado ou sem fôlego, ia para a orla e me espichava sob o sol, perto do pilar da autoestrada; até enterrei ali um espeto para pendurar minhas roupas, porque senão se enchiam de formigas. Já lhe disse, eram pilares de uns cinquenta metros de altura ou até mais: eram de cimento nu, ainda com a marca dos moldes. A um ou dois metros do chão havia uma mancha, e nas primeiras vezes nem prestei atenção; uma noite choveu, e a mancha ficou mais escura, mas mesmo naquela vez não me preocupei. É verdade que era uma mancha estranha: havia só ela, o resto do pilar estava limpo, e os outros pilares, também. Tinha um metro de comprimento e quase se dividia em duas partes, uma longa e uma curta, como um ponto de exclamação, só que um pouco enviesado. Ouça, não gosto de contar lorotas. Exagerar um pouco, sim, especialmente quando falo do meu trabalho, e acho que isso não é pecado, porque de todo modo quem está escutando percebe logo. Bem, um dia notei que, atravessando a mancha, havia uma fresta, e uma procissão de formigas que entrava e saía dali. Fiquei curioso com aquilo, bati com uma pedra e percebi que o som era cavo. Bati mais forte, e o cimento, que tinha apenas um dedo de espessura, afundou; e dentro havia uma cabeça de morto.

Tive a sensação de receber um tiro nos olhos, tanto que perdi o equilíbrio, mas estava bem ali e me olhava. Logo depois me veio uma doença estranha, saíam-me umas crostas aqui, na cintura, que me corroíam, caíam e depois apareciam mais outras: mas fiquei quase contente porque agora tinha a desculpa de largar tudo ali e voltar para casa. E assim não aprendi a nadar, nem ali nem depois, porque todas as vezes que entrava na água, fosse mar, rio ou lago, sempre me vinham maus pensamentos.

Há trabalhos que destroem e trabalhos que preservam. Entre os que preservam melhor, por uma coerência natural, estão precisamente os trabalhos que consistem em conservar algo: documentos, livros, obras de arte, instituições, institutos, tradições. É de conhecimento comum que bibliotecários, guardiões de museus, sacristãos, bedéis e arquivistas são todos não apenas longevos, mas conservam a si mesmos por décadas, sem alterações perceptíveis. É uma verdade melancólica que muitos trabalhos não são agradáveis, mas é nocivo entrar em campo cheio de ódio preconcebido: quem faz isso, se condena por toda a vida a odiar não só o trabalho, mas a si mesmo e ao mundo. É possível e se deve lutar para que o fruto do trabalho permaneça nas mãos de quem o faz, para que o próprio trabalho não seja uma pena; mas o amor ou, respectivamente, o ódio pela obra são um dado interno, originário, que depende mais da história de cada indivíduo do que, como se costuma acreditar, das estruturas produtivas dentro das quais o trabalho se desenvolve.

É claro que eles gostariam de produzir o Torec em série e vender milhões de peças, mas ainda têm cabeça suficiente para perceber que o

Congresso não ficaria indiferente diante da difusão descontrolada de um instrumento como este. Por isso, nesses meses, depois que o protótipo foi montado, eles estão preocupados sobretudo em revesti-lo de uma couraça de patentes, para que nenhum parafuso fique descoberto; depois, pretendem arrancar a permissão dos legisladores para que a máquina seja distribuída em todas as casas de repouso, com um abonamento gratuito a todos os inválidos e doentes incuráveis. Finalmente, e este é o programa mais ambicioso, eles querem que o direito ao Torec esteja legalmente vinculado ao direito à aposentadoria, para toda a população ativa.

O catálogo reunia mais de 900 títulos, cada qual seguido do número da classificação decimal Dewey, e estava dividido em sete seções. A primeira trazia a indicação “Arte e Natureza”; as fitas correspondentes eram marcadas com uma faixa branca e tinham títulos como “Pôr-do-sol em Veneza”, “Paestum e Metaponto vistos por Quasimodo”, “O ciclone Magdalen”, “Um dia entre os pescadores de merluzas”, “Rota polar”, “Chicago vista por Allen Ginsberg”, “Nós, sub”, “A Esfinge meditada por Emily S. Stoddard”. Simpson me fez notar que não se tratava de sensações toscas, como as de um homem rude e inculto que visite Veneza ou assista casualmente a um espetáculo natural: cada roteiro havia sido gravado com o auxílio de bons escritores e poetas, que se prestaram a disponibilizar ao utente a sua cultura e sensibilidade.

A segunda seção continha fitas de faixa vermelha e com a indicação “Potência”. Em seguida, a seção era subdividida nas subseções “Violência”, “Guerra”, “Esporte”, “Autoridade”, “Riqueza”, “Miscelânea”. É uma subdivisão arbitrária – disse Simpson –, eu, por exemplo, colocaria a fita que você acabou de ver, “Um gol de Rasmussen”, entre as de faixa branca, e não entre as vermelhas. Em geral, tenho pouco interesse pelas fitas vermelhas; mas me disseram que já está nascendo na América um mercado negro de fitas: saem misteriosamente dos estúdios da NATCA e são interceptadas por rapazes que possuem Torecs clandestinos, fabricados de qualquer jeito por radio-técnicos inescrupulosos. Bem, as fitas vermelhas são as mais procuradas. Mas talvez não seja um mal: é difícil que um jovem que compre um massacre numa cafeteria queira depois participar disso em carne e osso. Existem fitas de cachorros: “grow a tail!”, diz entusiasticamente o catálogo, “deixem crescer um rabo!”; fitas de gatos, macacos, cavalos, elefantes. Eu por enquanto só tenho uma fita preta, mas a recomendo para concluir a noite.

O sol refletia intensamente nas geleiras: não havia uma nuvem. Eu estava planando, suspenso sobre as asas (ou sobre os braços?), e embaixo de mim passava lentamente um vale alpino. O fundo estava a pelo menos dois mil metros abaixo de mim, mas eu distinguia cada pedra, cada fio de vegetação, cada crispação da água da torrente, porque meus olhos possuíam uma extraordinária acuidade. O campo visual também era maior

que o habitual: abraçava uns dois terços do horizonte e compreendia o pico que estava sob mim, enquanto no alto era limitado por uma sombra escura; além disso, não via meu nariz, aliás, nenhum nariz. Via e ouvia o zunido do vento e o marulho distante da torrente, sentia a pressão cambiante do ar contra as asas e a cauda, mas por trás desse mosaico de sensações minha mente estava numa condição de torpor, de paralisia. Percebia apenas uma tensão, um estímulo semelhante àquele que às vezes se sente atrás do esterno, quando lembramos que “devemos fazer uma coisa” e esquecemos qual; devia “fazer uma coisa”, cumprir uma ação, e não sabia qual, mas sabia que deveria cumpri-la numa certa direção, levá-la a cabo em um certo lugar que estava estampado em minha mente com perfeita clareza: uma costa serrilhada à minha direita, na base do primeiro pico uma mancha castanha onde terminava a neve, uma mancha que agora estava escondida na sombra; um lugar como milhões de outros, mas lá estava meu ninho, minha fêmea e meu filhote. Virei a favor do vento, abaixei-me sobre um longo penhasco e o percorri rasante, do sul para o norte: agora minha grande sombra me precedia, cortando a toda velocidade as faixas de relva e de terra, as rochas e a neve. Uma marmota-sentinela assoviou duas, três, quatro vezes, antes que eu a pudesse ver; no mesmo instante, senti tremular abaixo de mim algumas hastes de aveia selvagem; uma lebre, ainda com o pelo de inverno, descia a saltos desesperados rumo à toca. Recolhi as asas ao corpo e caí sobre ela como uma pedra: estava a menos de um metro do refúgio quando a alcancei, abri as asas para frear a queda e espichei as garras. Agarrei-a em pleno voo e retomei a altitude apenas desfrutando o impulso, sem bater as asas. Quando o ímpeto se extinguiu, matei a lebre com dois golpes de bico: agora sabia o que “devia ser feito”, o sentido de tensão cessara, e segui voando para o ninho.

E assim as defesas imunológicas que antigamente impediam o cruzamento entre espécies distintas eram frágeis ou nulas: nada impedia que você transplantasse o olho de uma águia ou o estômago de um avestruz, quem sabe um par de guelras de atum para a pesca submarina, mas em compensação qualquer sêmen – animal, vegetal ou humano – que o vento, a água ou um incidente qualquer pusessem em contato com um óvulo tinha boas chances de dar origem a um híbrido. Todas as mulheres em idade fértil deviam estar muito atentas. E era estranho, estranho e maravilhoso, que a natureza agitada tivesse reencontrado a sua coerência. Com a fecundidade entre espécies diversas, renascera o desejo às vezes grotesco e absurdo, às vezes impossível, às vezes feliz. Como o dela – ou como o de Graziella, perdida entre as gaivotas. Tudo bem, havia os trejeitos de Mancuso (talvez ele não passasse de um mal-educado), mas em cada ano e a cada dia novas espécies nasciam, mais rápidas do que a capacidade humana de lhes dar um nome; algumas monstruosas, outras graciosas, outras inesperadamente úteis, como os carvalhos de leite que brotavam no Casentino. Por que não apostar no melhor? Por que não confiar numa nova

seleção milenar, em um homem novo, rápido e forte como o tigre, longo como o cedro, prudente como as formigas?

Quanta é a poeira que se deposita sobre o tecido nervoso de uma vida? A poeira não tem peso nem som, nem cor nem escopo: vela e nega, oblitera, oculta e paralisa; não mata mas apaga, não está morta mas dorme. Abriga esporos milenares, prenhes de danos por vir, crisálidas minúsculas à espera de cindir, decompor, degradar: pura emboscada confusa e indefinida, pronta para o assalto futuro, impotências que se tornarão potências ao estalo de um sinal mudo. Mas também abriga germes diversos, sementes dormidas que vão brotar em ideias, cada uma densa de um universo imprevisível, novo, belo e estranho.

Meu pai o guardava no estábulo, porque não sabia onde alojá-lo. Fora presente de um amigo, capitão do mar, que dizia tê-lo comprado em Salônica: mas o próprio amigo dissera que o seu lugar de nascimento era Cólófon. Quanto a mim, fui severamente proibido de aproximar-me, porque ele, diziam, enfurecia-se facilmente e atirava coices. Porém, posso afirmar por experiência direta que se trata de um velhíssimo lugar-comum; por isso, desde minha adolescência, nunca obedeci à proibição, ao contrário, especialmente no inverno passei horas memoráveis com ele, e outras belíssimas no verão, quando Trachi (se chamava assim) me carregava na garupa com as próprias mãos e partia num galope doido pelos bosques da colina. Tinha aprendido a nossa língua com bastante facilidade, mas conservava um leve sotaque levantino. Apesar dos seus duzentos e cinquenta anos, era de aspecto jovial, tanto na parte humana quanto equina.

A tradição centáurica é mais racional que a bíblica, e narra que só foram salvos os arquétipos, as espécies-chave: o homem, mas não o macaco; o cavalo, mas não o asno ou o onagro; o galo e o corvo, mas não o abutre, a gralha ou o falcão. Como então nasceram essas espécies? Logo em seguida, diz a lenda. Quando as águas se retiraram, a terra ficou coberta de um estrato profundo de barro quente. Ora, esse barro, que continha em sua podridão todos os fermentos do que perecera no dilúvio, era extraordinariamente fértil: assim que o sol o banhou, cobriu-se de germes, dos quais vicejaram ervas e plantas de todo gênero; e ainda hospedou em seu seio generoso e úmido as núpcias de todas as espécies salvas pela arca. Foi um tempo que jamais se repetiu, de fecundidade delirante, furibunda, em que o universo inteiro sentiu amor, tanto que por pouco não retornou ao caos.

Foram os dias em que a própria terra fornicava com o céu, em que tudo germinava, tudo dava fruto. Cada casamento era fecundo, e não em alguns meses, mas em poucos dias; e não só os casamentos, mas também qualquer contato, cada união ainda que fugaz, inclusive entre espécies

diversas, entre animais e pedras, entre plantas e pedras. O mar de lama morna, que ocultava a face da terra fria e verecunda, era um único e interminável tálamo, que borbulhava de desejo em cada recesso e pululava de germes jubilosos.

Esta segunda criação foi a verdadeira criação; pois, segundo a tradição entre os centauros, não se explicariam de outro modo certas analogias e convergências percebidas por todos. Por que o delfim é semelhante a um peixe, mas pare e amamenta seus filhotes? Porque é filho de um atum e de uma vaca. De onde vêm as cores graciosas da borboleta e a sua habilidade no voo? São filhas de uma mosca e de uma flor. E as tartarugas? São filhas de um sapo e de um seixo. E os morcegos? De uma coruja e um rato. E os moluscos? De um caracol e uma pedra polida. E os hipopótamos? De uma égua e um rio? E os urubus? De um verme nu e uma ave de rapina. E as grandes baleias, os leviatãs, cujo tamanho imenso dificilmente poderia ser explicado? Seus ossos lenhosos, sua pele gordurosa e escura, sua respiração ardente são o testemunho vivo de um conúbio venerando: o ávido enlace do próprio barro primordial em torno da quilha feminina da arca, construída em madeira de Gofer e revestida dentro e fora por lustroso betume, quando o fim de toda carne fora decretado.

Tal foi a origem de toda forma vivente ou extinta: os dragões e os camaleões, as quimeras e as harpias, os crocodilos e os minotauros, os elefantes e os gigantes, cujos ossos pedregosos ainda hoje se encontram com maravilha no seio das montanhas. E assim nasceram eles mesmos, os centauros – porque dessa festa das origens, dessa panspermia, também participaram os poucos sobreviventes da família humana.

Aquela seria minha última aventura de químico. Depois chega: com nostalgia, mas sem rumações, escolheria outro caminho, já que eu tinha o aprendizado e ainda me sentia com forças para tanto: o caminho do narrador de histórias. Histórias minhas até que eu esvaziasse o saco, e depois histórias dos outros, roubadas, saqueadas, extorquidas ou recebidas de presente, por exemplo, como as dele; ou até histórias de todos e de ninguém, história aéreas, pintadas em um véu, contanto que tivessem um sentido para mim ou pudessem propiciar ao leitor um momento de espanto ou de riso. Há quem diga que a vida começa aos quarenta anos: pois bem, para mim começaria, ou recomençaria, aos cinquenta e cinco. De resto, ninguém garante que ter transcorrido mais de trinta anos no ofício de emendar longas moléculas presumivelmente úteis ao próximo, e no ofício paralelo de convencer o próximo de que minhas moléculas lhe eram efetivamente úteis, não ensine nada sobre o modo de emendar palavras e ideias juntas.

Escavem: irão encontrar meus ossos absurdos neste lugar cheio de neve. Estava exausto da carga e do caminho, e me faltavam o calor e a relva. Irão achar moedas e armas púnicas sepultadas por avalanches: absurdo, absurdo! Absurda é minha história e a História: que me importavam Cartago e Roma? Ora meu belo marfim, nosso orgulho, nobre, falcado como a lua, jaz em lascas entre os seixos da torrente: não foi feito para trespassar couraças, mas escavar raízes e atrair as fêmeas. Nós só combatemos pelas fêmeas, e sabiamente, sem derramar sangue. Querem saber minha história? É breve. O indiano astuto me aliciou e domou, o egípcio me aprisionou e vendeu, o fenício me recobriu de armas e me impôs uma torre na garupa. Absurdo foi que eu, torre de carne, invulnerável, manso e assombroso, forçado entre estas montanhas inimigas, derrapasse em seu gelo nunca visto. Para nós, quando se cai, ninguém se salva. Um cego audaz buscou meu coração com a ponta da lança, longamente. A esses picos pálidos no ocaso lancei o meu inútil barrido moribundo: “Absurdo, absurdo”.

MARCO BELPOLITI

Levi possui a genialidade do homem comum, uma prerrogativa difícil de compreender, mas que se torna gritante quando se abre um de seus livros e se começa a ler: o homem comum como gênio. Coisa raríssima em qualquer tempo ou espaço (alguém já disse de modo fulminante que a genialidade de Levi é exatamente o avesso da banalidade do mal). (2015, p. 16)

GEORGES DIDI-HUBERMAN

Para um metafísico do Holocausto, “câmara de gás” significa o cerne de um drama e de um mistério: o lugar por excelência da *ausência de testemunha*, análogo, de certa forma, por sua invisibilidade radical, ao centro vazio dos tabernáculos. Convém dizer, ao contrário, e sem temer a terrível significação que os conceitos assumem quando os reportamos à sua materialidade, que a câmara de gás era, para um membro do *Sonderkommando*, o “lugar de trabalho” quase cotidiano, o lugar infernal do trabalho da testemunha. (2017, p. 55)

ERNESTO FERRERO

Os últimos poemas de Levi exprimem de maneira explícita seu desânimo. Agora “que os combates terminaram” e que “o tempo urge”, só lhe resta esperar modestamente que “o outono seja longo e brando”. (...) O dromedário paciente, que sabe que não precisa de grande coisa para viver, pode proclamar com amarga

ironia que seu reino se chama desolação e é ilimitado (...) Os animais são mais uma vez convocados para um último diálogo. O percurso literário de Levi não é linear nem pode ser representado por uma linha ascendente ou descendente: ele é sobretudo circular, cíclico, feito de retomadas, abandonos e retornos, marcado por uma coexistência contínua de temas e motivos, ritmado por oposições e inquietudes de que são testemunho os oximoros revelados por Mengaldo, mas sempre animado por uma extrema tensão intelectual (...) Levi trabalha sobre uma série de variações, repetidas e aprofundadas com um cuidado matemático e combinatório dos mais rigorosos. Não só ele não esquece, mas quer que o leitor realize com ele reiteradamente o mesmo trajeto, as operações de uma mesma verificação, porque somente repetindo as provas é possível concluir que o experimento foi bem-sucedido, e até mesmo sugerir novas hipóteses. A guerra é eterna não só nas sociedades humanas, mas também nos domínios da criatividade, do pensamento, da literatura. (2009, p. 188-91)

CESARE CASES

Aqui [em *A trégua*] a ameaça de um novo Auschwitz ainda é mediada pela experiência do passado, pela autobiografia. Ao contrário, nas melhores invenções de *Histórias naturais*, Levi expressou a inquietude que sente diante da emergência do “mundo às avessas”, que ele vivera em Auschwitz, nas estruturas mesmas da vida cotidiana, do mundo aparentemente direito, “na família, na natureza em flor, na casa”, no jardim de seu caixeiro viajante aposentado. (1987, p. 140-1)

PIER VINCENZO MENGALDO:

Ele busca compreender sem jamais simplificar, mas, ao contrário, conhecer o valor da boa simplificação, contra a complicação ruim e inútil [...] O teor de suas respostas, sempre articuladas, racionais e concretas, deriva nele de uma dupla matriz: da consciência de que a realidade do *Lager* foi um fenômeno extraordinariamente imprevisto e complexo, no limite “indecifrável”; e ao mesmo tempo a ideia, de vertente neopositivista, de que é quase ocioso fazer-se perguntas que não têm resposta racional. E é preciso sempre levar em conta que esse racionalismo, no livro [*Os afogados e os sobreviventes*] e em Levi, é indissociável da vontade perversa de não se render diante do brilho ofuscante do horror que se evoca e interpreta. (1999, p. 13)

TZVETAN TODOROV

[Levi] não grita, mas fala a meia-voz; pesa os prós e os contras, recorda as exceções, busca os motivos das próprias reações. Não propõe explicações sensacionais aos fatos do passado, nem adota o tom do profeta ligado diretamente ao sagrado; diante do extremo, sabe permanecer humano, simplesmente humano. E quando fala do mal, fonte da ofensa, não é para apontá-lo nos outros com o dedo acusador, mas para perscrutar mais atenta e impiedosamente em si mesmo. [...] A lição que Levi extrai de sua meditação é desesperadora, e no entanto seu leitor sai revigorado da leitura de seus livros. Por qual milagre? A luz se desprende do próprio modo como Levi conduz sua meditação: sem gritos nem proclamações trovejantes, escolhendo escrupulosamente as palavras para sempre ser ao mesmo tempo claro e preciso [...] O raio de luz não vem do mundo que Levi descreve e analisa, mas do próprio Levi: que homens como ele tenham habitado esta terra, que tenham sabido resistir à contaminação do mal, eis o que por sua vez se torna uma fonte de encorajamento para os outros. (2004, p. 217 e 223)

VICTOR BROMBERT

É comovente observar os esforços de Levi para encontrar novas formas de coragem. Sua condição de cético – ele chama a isto sua ‘*laicità*’ – não tornou as coisas mais fáceis. Com humor contido, Levi observou que não se pode mudar as regras quando o jogo está chegando ao fim. A conversão na iminência do afogamento lhe parecia indigna. Ele sabia, como disse num de seus poemas, que havia contemplado todo o horror da Medusa. (2001, p. 193)

ANTONIO TABUCCHI

Levi não se põe o problema de escrever *depois* de Auschwitz, mas de escrever *sobre* Auschwitz. Transforma o platônico advérbio de tempo num aristotélico advérbio de lugar e escreve *Se questo è un uomo*”. (2013, p. 110)

MARIO RIGONI STERN

Entre as páginas da “Tabela periódica” encontrei uma carta sua de 1983, e por ela talvez eu entenda seu gesto. Você me falava de sua mãe, com quase noventa anos e doente, e de seu filho que tinha ido para os Estados Unidos, deixando um grande vazio na casa; falava de você e de Lucia, que se sentiam como ‘jogados para fora do mundo’. Mas você também expressava um vazio pessoal. ‘É um pouco como se em meu último livro eu tivesse

gastado todo meu capital. Para o futuro, vamos ver; por ora, só para não enferrujar o cérebro e a máquina de escrever, estou traduzindo um livro de antropologia que não me interessa minimamente. Se eu vivesse como você, nos altiplanos, não sofreria desses problemas: era pôr um par de esquis e pronto. Mas aqui é diferente; malgrado a crise, há carros para todo lado, parados ou em movimento, e só para sair da cidade é preciso uma hora de luta e de paciência. E todos os velhos amigos também estão em crise, quem por motivo de saúde, quem por dinheiro, quem pelos filhos que vão mal. É por isso que lhe escrevo. Querido Mario, me desculpe o desabafo, mais cedo ou mais tarde eu volto a ficar de pé...' (1987)

SAMUEL TAYLOR COLERIDGE

Desde esse dia, em hora incerta,/ Volta essa angústia extrema;/
E se não conto a história horrível/ O coração me queima.//
Cruzo, qual noite, o mundo; estranho/ Poder me anima a fala;/
Aos ver um rosto, sei nessa hora/ Que é alguém que deve ouvir
a história;/ A esse homem vou ensiná-la. (2005, p. 198-200)

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Homo Sacer III. Trad. de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. de Roberto Raposo e pref. de Celso Lafer. São Paulo: Forense, 1993.
- BARENGHI, Mario. *Perché crediamo a Primo Levi?* Turim: Einaudi, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BELPOLITI, Marco. *Primo Levi di fronte e di profilo*. Milão: Ugo Guanda Editore, 2015.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II: Rua de mão única*. Trad. de Rubens R. Torres Filho e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BROMBERT, Victor. *Em louvor de anti-heróis*. Trad. de José Laurenio de Melo. Cotia: Ateliê, 2001.
- CASES, Cesare. *Patrie lettere*. Turim: Einaudi, 1987.
- COLERIDGE, S.T. *A balada do velho marinheiro*. Trad. e intr. de Alípio C. de Franca Neto. Cotia: Ateliê, 2005.
- DIAS, Maurício S. "Primo Levi e o zoológico humano". In: *71 contos de Primo Levi*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- DIAS, Maurício S. Primo Levi e as chaves da ciência. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, Curitiba, n. 14 (2018).

- DIAS, Maurício S. “A poesia de um sobrevivente”. In: *Mil sóis: poemas escolhidos*. Trad., apres. e org. de Maurício S. Dias. São Paulo: Todavia, 2019.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. Trad. de André Telles. São Paulo: 34, 2017.
- FERRERO, Ernesto. *Primo Levi: l'écrivain au microscope*. Trad. de Jean-Luc Defromont Paris: Liana Levi, 2009.
- FERRERO, Ernesto. *Primo Levi: un'antologia della critica*. A cura di Ernesto Ferrero. Turim: Einaudi, 1997.
- FORTI, Simona. *I nuovi demoni. Ripensare oggi male e potere*. Milão: Feltrinelli, 2011.
- LEVI, Primo. *Opere complete*. A cura di Marco Belpoliti. Turim: Einaudi, 2017-2018.
- LEVI, Primo. *A chave estrela*. São Paulo: Companhia das letras. Trad. de Maurício S. Dias, 2009.
- LEVI, Primo. *71 contos de Primo Levi*. São Paulo: Companhia das letras. Trad. e intr. de Maurício S. Dias, 2005.
- LEVI, Primo. *Mil sóis: poemas escolhidos*. Trad., apres. e org. de Maurício S. Dias. São Paulo: Todavia, 2019.
- MENGALDO, Pier Vincenzo. *Giudizi di valore*. Turim: Einaudi, 1999.
- RIGONI STERN, Mario. “La Medusa non ci ha impietriti”. *La Stampa*, Turim, 14 abr. 1987.
- TABUCCHI, Antonio. *Di tutto resta un poco*. A cura di Anna Dolfi. Milão: Feltrinelli, 2013.
- TODOROV, Tzvetan. *Memoria del male, tentazione del bene*. Trad. di Roberto Rossi. Milão: Garzanti, 2004.

Recebido em 28 de setembro de 2020

Aprovado em 30 de setembro de 2020

Maurício Santana Dias é professor livre-docente do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo. É autor de *A demora: Claudio Magris, Danúbio, Microcosmos* (2009) e de vários ensaios sobre poetas e escritores italianos (Giovanni Boccaccio, Luigi Pirandello, Cesare Pavese, Giuseppe Tomasi di Lampedusa, Italo Calvino, P. P. Pasolini, Primo Levi, entre outros). Organizou e traduziu diversos livros, entre os quais *Decameron: dez novelas selecionadas* (2013), *40 novelas de Luigi Pirandello* (Prêmio Paulo Rónai de Tradução – FBN 2008), *Trabalhar cansa* (Prêmio Jabuti de Tradução – 2010), *Poemas: Pier Paolo Pasolini* (organizado com Alfonso Berardinelli, 2015) e *Mil sóis: poemas selecionados*. Em 2019, recebeu o Premio Nazionale per la Traduzione do Ministério da Cultura da Itália (MIBACT), pelo conjunto da obra. Contato: mauriciosd@usp.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0279-6335>